



Uma escrita negra de resistência em *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie*

A Black Writing of Resistance on Purple Hibiscuses by Chimamanda Ngozi Adichie

Débora Lopes dos Santos¹
Algemira de Macêdo Mendes²

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a escrita negra de resistência no romance nigeriano *Hibisco roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Seguindo uma metodologia que caracteriza-se como uma análise crítica analítico-qualitativa. Elencando como referencial teórico os estudos de bell hooks (2018), acerca do racismo e a desvalorização da mulher negra; Collins (2019), que foca no ativismo, defesa e empoderamento da mulher negra; Oyewùmí (2021), em seus estudos sugere que o corpo não era base para hierarquia e que o gênero não determinava a organização social; Perrot (2007), em seus escritos luta contra a invisibilidade da mulher e a sua inclusão na história; Resende (2013), que discute as dinâmicas que envolvem a mulher nigeriana da etnia igbo e os papéis séculares que elas precisam seguir, e Saffioti (2014), sobre violência contra a mulher, medo e culpabilização. O romance apresenta a mulher nigeriana como centro das discussões que envolvem aspectos do colonialismo, do conservadorismo, do silenciamento, da violência e do fanatismo religioso. Apresentando personagens submissas e silenciadas pelo marido. Ao mesmo tempo, observa-se a representação de mulheres resistentes e transgressoras ao *status quo*.

Palavras-chave: Mulher. Escrita negra. Resistência. *Hibisco roxo*.

Abstract: The article aims to analyze black resistance writing in the Nigerian novel *Purple Hibiscus*, by Chimamanda Ngozi Adichie. Following a methodology that is characterized by being a critical analytical-qualitative analysis. Listing as a theoretical reference the studies of bell hooks (2018), on racism and the devaluation of black women; Collins (2019), which focuses on Black women's activism, advocacy, and empowerment; Oyewùmí (2021), in his studies, suggests that the body was not the basis of the hierarchy and that gender did not determine social organization; Perrot (2007), in her writings, fights against the invisibility of women and their inclusion in history; Resende (2013), which analyzes the dynamics involving Nigerian Igbo women and the centuries-old roles they must follow, and Saffioti (2014), on violence against women, fear and guilt. The novel presents Nigerian women as the center of discussions involving aspects of colonialism, conservatism, silencing, violence and religious fanaticism. Presenting characters submissive and silenced by their husbands. At the same time, there is a representation of women who are resistant and transgressive of the status quo.

Keywords: Woman. Black writing. Resistance. *Purple Hibiscus*.

¹ Mestre em letras pela Universidade Estadual do Piauí / UESPI. Graduada em Licenciatura em Letras Português pela UESPI. Email: deborahhlopeez@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5153-6007>.

² Doutorado em Letras pela PUC do Rio Grande do SUL. Professora da UESPI e da UEMA. Atua no PPGL das duas IES. Pesquisadora do CNPq. Email: algemiramacedo@cchl.uespi.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9253-7088>.

* Artigo recebido em 22 de outubro de 2024. Aceito para publicação em 19 de dezembro de 2024.

Considerações Iniciais

A produção literária africana escrita é reflexo da oralidade, da história e da vida social do seu povo e tem como papel contribuir para construção de uma identidade cultural sem esquecer que durante anos os colonizadores se preocuparam em mostrar para o restante do mundo uma África assustadora e seus habitantes como desajustados.

No entanto surgiram os estudos pós-coloniais como uma possibilidade de combater a dominação ideológica do processo colonial, em um movimento de valorização dos povos africanos, momento em que eles questionam o discurso ocidental e passaram a produzir textos que descreviam as influências sofridas por essas culturas.

Desse modo, a literatura de autoria feminina nigeriana cresce e ganha espaço e visibilidade. A mulher amplia suas realizações, desconstruindo a representação caricaturada pelo patriarcado de imagens e clichês distorcidos para uma mulher que, hoje, impõe sua voz e constrói sua história. É uma escrita de resignificação ao evidenciar a luta contra a exclusão, a invisibilidade e o silenciamento. É, pois, um meio de se consolidar como sujeito crítico que resiste frente a um sistema excludente e hegemônico.

Assim, a produção literária nigeriana cresce em meio à resistência, à ação dos invasores europeus que tentaram, por séculos, silenciar os nativos. É uma literatura que resgata as tradições locais, que privilegia a oralidade ao mesmo tempo em que busca criar suas bases a partir de uma cultura própria ao reafirmar a busca pela identidade através de uma escrita que traz fortes sentimentos de pertencimento.

À vista disso, diversas vozes da literatura contemporânea, como é o caso de Chimamanda Adichie, fazem uso da escrita para mostrar a experiência das mulheres em seus locais de origem. Com isso, para nortear esta pesquisa, foi elaborado o seguinte problema: Como esteticamente a mulher é construída na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie?

Desse modo, é importante apontar que a literatura produzida por Chimamanda abrange um repertório diverso de temáticas e faz surgir uma tradição literária feminina por ser considerada uma das maiores escritoras nigerianas da atualidade e por trazer em suas obras o drama humano, aspectos políticos, sociais e culturais, o preconceito especificamente racial, as marcas negativas relacionadas a África em especial a Nigéria, sempre protagonizadas por mulheres que não são vítimas da situação, ao contrário, são personagens que demonstram força, resistência e são agentes de mudança.

Para construção deste artigo o romance objetivo de estudo é a obra *Purple Hibiscus* que foi publicada originalmente em 2003, e chegou ao Brasil pela editora Companhia das Letras em 2011 sendo traduzida para o português brasileiro por

Julia Romeu com o título *Hibisco roxo*. Este é o romance de estreia da escritora com ele ganhou fama e popularidade e recebeu diversos prêmios de literatura³. O romance é narrado em primeira pessoa pela adolescente Kambili, ela apresenta uma história de família e seus conflitos como: patriarcalismo, violência, silenciamento, submissão e fanatismo religioso. A narrativa se passa na Nigéria pós – independência, anos 80/90 traçando um panorama social, cultural e político, como a herança colonial e a guerra civil.

Este artigo está dividido em dois tópicos um sobre a mulher no núcleo familiar e outro sobre a mulher e o silenciamento ambos estão estruturados por uma diversificada base teórica, frisando principalmente as seguintes teóricas feministas bell hooks (2018), elenca pontos do racismo e da desvalorização da mulher negra; Michelle Perrot (2007), em seus escritos luta contra a invisibilidade da mulher e a sua inclusão na história; Oyèrónkè Oyewùmí (2021), uma estudiosa nigeriana, que em seus estudos sugere que o corpo não era base para hierarquia e que o gênero não determinava a organização social; Patricia Hill Collins (2019), que foca no ativismo, defesa e empoderamento da mulher negra; Roberta Mara Resende (2013), que discute as dinâmicas que envolvem a mulher nigeriana da etnia igbo e os papéis séculares que elas precisam seguir; Saffioti (2014), sobre violência contra a mulher, medo e culpabilização.

As contribuições da mulher nigeriana na literatura vem através de uma escrita que representa o universo feminino e seus dilemas na sociedade, por isso se faz tão importante analisá-las, uma vez que ainda vinculam a literatura nigeriana a termos pejorativos e estereotipados acerca da cultura e das relações étnico-raciais que precisam ser desconstruídas.

A mulher e a família em *Hibisco roxo*

Na sociedade patriarcal, a mulher é colocada à margem, em uma posição de irrelevância, subserviência e opressão dos mecanismos de dominação masculina. Ou seja, nessa sociedade a autoridade está concentrada somente na figura masculina, seja o pai, o esposo ou os filhos.

Assim, na sociedade nigeriana, segundo Oyèrónkè Oyewùmí (2021, p. 103), “o gênero não era um princípio organizador na sociedade antes da colonização pelo Ocidente. As categorias sociais “homens” e “mulheres” eram inexistentes”. Quer dizer, ela sugere que não existia a diferença entre os sexos, a categorização (homem e mulher) e nem a hierarquização, pois, nesta sociedade, ambos tinham os mesmos direitos, diferenciando-se apenas na questão da senioridade que deter-

³ Melhor Ficção de Estreia no Hurston/Wright Legacy Award, em 2004; Melhor Primeiro Livro (África e mundo) no Commonwealth Writers' Prize, em 2005; e “One Maryland, One Book”, em 2017.

minava oportunidades e acesso nas relações sociais. Porém, isso não quer dizer que não existia a opressão feminina, conforme identifica-se na narrativa que será analisada mais a frente.

Nesse sentido, é pertinente ressaltar que o colonizador pregava um discurso de inferioridade e diferença para justificar as atrocidades cometidas contra os povos colonizados, induzindo que a presença do homem europeu servia de “ajuda” para resgatar aqueles povos do atraso, impondo a eles um modo de viver europeu que seria um espelho a ser seguido para a evolução.

Conforme traz Kilomba (2019, p. 34), “enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intruso, o branco torna-se vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano”. Isto é, houve um silenciamento sistêmico e um processo de interdição do povo negro, o que não quer dizer que ele foi passivo à escravidão, pois ou o negro se submetia ao regime colonialista ou era exterminado. Então, era uma questão de sobrevivência.

Nessa perspectiva, conjectura-se que, para conter a população com o objetivo de manter a ordem social, um instrumento usado pelo europeu foi a religião do colonizador que foi disseminada como superior, apresentando Cristo, que era um profeta, filho de Deus, que salvou o mundo, além das interpretações formuladas pelos padres, rotineiramente, nas missas e reuniões, visando à doutrinação dos nigerianos e trazendo a ideia de ser a religião certa a seguir. Com isso, disseminavam a ideia de que as religiões tradicionais e seus rituais estavam alinhados ao demônio, por isso precisavam ser banidas. Sobre esse ponto, Opoku (2010, p. 592) expõe: “Religião dos vencedores, o cristianismo era considerado a fonte do poder do homem branco. Ele dava acesso à educação, ao emprego, ao poder, e à influência no mundo do branco”. Para completar Oyěwùmí (2021), sinaliza que para os missionários o sistema familiar nigeriano deveria ser reformado, por ser o veículo para a “civilização” dessas sociedades.

Nesse processo hostil de tentativa de apagamento do entendimento das pessoas sobre si mesmas estava também o constante controle para impedir que o colonizado despertasse o gosto pela literatura que oportunizaria o entendimento da realidade, além de proporcionar reflexão e trazer a transformação social. Como explana Kilomba (2019), o homem branco tem medo de perder o controle sobre o colonizado, quer dizer, o homem branco busca sempre calar, anular e invisibilizar o homem negro, mas despertar o interesse pela literatura foi inevitável, possibilitando a transformação do país e a criação de uma sociedade mais culta e intelectual.

No entanto, o processo foi lento e permeado de impasses, pois a produção literária local necessitava importar as produções europeias que precisavam ser traduzidas. Frisando intertextualmente, Chimamanda Ngozi Adichie, na obra *O perigo de uma história única* (2009), expõe que seus primeiros escritos tinham

personagens que viviam uma realidade distante da nigeriana. Ou seja, a literatura disponível não tinha qualquer identificação com a autora e a realidade em que viviam, mas eram livros que convenciam e impressionavam com suas histórias, pois os livros africanos, e, de modo especial, os nigerianos, eram raros.

Com isso, a mulher nigeriana, que ocupava um lugar de subalternidade, invisibilidade e silenciamento, vem lutando, resistindo e enfrentando a situação de exclusão para se impor na sociedade. Como bem explica Conceição Evaristo (2009, p. 18), “Escrever e ser reconhecido como um escritor ou uma escritora, aí é um privilégio da elite”. Mas, contrariando a normatização social e quebrando correntes, surgem vozes femininas negras que conseguiram mostrar a importância da literatura de autoria feminina negra como um diferencial para o cânone literário. A vista disso, Kilomba (2019, p. 28) enfatiza que

não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós.

Assim, a escrita de autoria feminina negra é essencial para a obtenção de um novo olhar sobre essas escritoras, sobre suas lutas, sobre modos de resistência e sobre sua história, em uma escrita que traz à tona diversas questões sobre representatividade, reivindicação, denúncia, abusos, violência, racismo, isto é, as vozes silenciadas, hoje, se tornaram um meio de enunciar formas de resistência.

Desse modo, a escrita de Chimamanda representa a realidade da opressão, a luta pela afirmação da vida, a falta de liberdade de expressão, as desigualdades sociais, a intolerância religiosa, a violência doméstica, as opressões sofridas pelas mulheres. Nela também está a presença da mulher negra e sua força, advinda do discurso proveniente de seus ancestrais. São narrativas que foram construídas trazendo o protagonismo para as mulheres nigerianas negras, a consolidação da identidade feminina negra, denunciando o preconceito, o patriarcado e o racismo, elementos que nos aproximam de uma realidade que parece distante, mas que se faz presente.

Assim, a narrativa do romance *Hibisco roxo* apresenta os dilemas de uma família da classe média alta da Nigéria que vive na cidade de Enugu composta por dois adolescentes (Kambili e Jaja) introspectivos e controlados; Eugene um pai violento e dominador e Beatrice uma mulher que vive subjuda às regras do marido. Outro espaço é a casa da tia Ifeoma que fica na cidade de Nsukka local onde os adolescentes irão começar a amadurecer e despertar para a realidade de opressão e violência em que estavam inseridos. Todo esse processo de mudanças vai ser simbolicamente associado à planta hibisco. O romance de Chimamanda apresenta críticas acerca do fanatismo religioso, do colonialismo, da opressão sexista e pa-

triarcas em diferentes contextos, com personagens femininas fortes, resistentes que transgridem o *status quo* em busca do empoderamento feminino.

Kambili é a protagonista, ela vai apresentar uma narrativa de descobertas e construção da identidade em meio a uma sociedade permeada de diferenças e contradições. A adolescente mora em Enugu uma cidade de costumes mais tradicionais e vive em um ambiente grandioso e rico, mas permeado do conservadorismo cristão, seguindo a risca uma rotina rígida de estudos e orações determinadas pelo pai, como podemos observar:

Papa gostava de ordem. Isso ficava patente nos próprios horários, na forma meticulosa como ele desenhava as linhas, em tinta negra, cortadas horizontalmente a cada dia, separando a hora de estudar da hora da sesta, a sesta da hora de ficar com a família, a de ficar com a família da hora das refeições, a das refeições da hora de rezar, a de rezar da hora de dormir. Papa revisava nossos horários com frequência (Adichie, 2011, p. 77).

Identifica-se um método rigoroso e organizado em que Eugene, seu pai, não deixa espaço para que a adolescente possa viver e participar de outras atividades fora dos muros de casa. Ela não tem amigos, liberdade, não explana suas vontades e escolhas, quer dizer, ela apenas segue e cumpre à risca as ordens do pai, de acordo com o que prega o patriarcalismo – sendo um objeto que o homem domina.

E isso influencia negativamente no crescimento e desenvolvimento identitário de Kambili, que não entendia que esse controle exagerado do pai era uma forma de violência e no início ela até admirava os gestos dele, o tinha carinho, via-o como um herói, e diversas vezes enxergava suas ações como cuidado, e então obedecia, porque tinha receio de não ser amada pelo pai, enquanto que não conhecia nada a sua volta, apenas o ambiente da casa, da escola e da igreja, quer dizer, ela não tinha espaço para experiências próprias, para ser e existir, num forte controle que contribuiu para que ela fosse uma adolescente contida, conforme o seguinte trecho:

Não sabia o que mais dizer, mas queria que Ezinne soubesse que eu era grata por ela ser sempre simpática comigo, embora eu fosse tão estranha e calada. Queria agradecer a ela por não rir de mim e me chamar “riquinha metida” como as outras meninas faziam. Mas as palavras que saíram foram: – E você, viajou para algum lugar? (Adichie, 2011, p. 156).

Kambili tinha medo de tudo especialmente de desobedecer ao pai que ela tanto respeitava, porque Eugene era um cristão fervoroso, que ajudava nas causas sociais e religiosas, era bem visto e respeitado pela sociedade, tinha ânsia para agradar o homem branco, em especial os religiosos, mas era extremamente violento com sua família, denotando um comportamento ambíguo – pai amoroso, mas age com crueldade com os filhos e é violento com a esposa.

A colonização intensificou o sofrimento da mulher, que foi forçada a seguir e obedecer aos preceitos de uma tradição machista e opressora a partir de um discurso religioso que visava ao controle social da mulher e da família, como sinaliza Oyewùmí (2021, p. 307): “sistema familiar africano deveria ser alvo de reformas e, por sua vez, ser o veículo para a “civilização” dessas sociedades”.

Desse modo, a imposição da nova religião já estava dominando o comportamento das pessoas e o imaginário acerca da cultura local que era demonizada, nisso, os habitantes locais deveriam extinguir os costumes aos quais estavam habituados e aprender a aceitar e carregar seus fardos e problemas com fortaleza e perseverança em Cristo, conforme Opoku (2010, p. 611) sinaliza: “Deus era o criador e o pilar do mundo. Poder, justiça, beneficência, e eternidade eram atributos dele e, como fonte de todo o poder, governava a vida e a morte. Deus recompensava os homens, mas também castigava quando agiam mal”.

Nesse sentido, Eugene incorporou a cultura ocidental a partir da educação recebida nas escolas das missões, passando a renegar sua identidade, origem, língua, família e a religião tradicional do seu país que considerava pagã e ainda compactuava com a visão de inferioridade imposta. Ou seja, Eugene era produto da sociedade que o deformou, resultado do processo de colonização desumanizante para os africanos que obrigou-os a seguir a lógica que reproduz a violência.

Logo, Kambili cresceu em meio aos dogmas católicos acreditando que quase tudo era pecado, inclusive as tradições nigerianas. Por isso também tinha medo de desagradar a Deus, o que a levava a não ter amizades na escola, não usar calças, batom, não participar das atividades, não ouvir músicas não cristãs, além do medo de ser castigada devido as constantes ameaças do pai.

Entende-se dessa forma que Chimamanda faz uma crítica acerca do modelo feminino idealizado pela igreja católica ao determinar os padrões de comportamento feminino que traz a imagem de uma mulher pura, virgem e mãe, qualidades que as mulheres deveriam seguir como um destino para a “felicidade plena”, como se elas fossem abstratas e só existissem na sombra e no domínio do homem. Essa cultura ainda perdura, embora, aos poucos, esses costumes tenham perdido um pouco a força para os adeptos da “civilização” trazida pelo homem branco.

A segunda mulher que aparece na narrativa é Beatrice, a mãe de Kambili, ela é submissa, maltratada, financeiramente dependente do marido, quase não tem voz – fatores que contribuem na postura subserviente, como neste trecho:

Para onde eu vou se sair de casa de Eugene? Diga, para onde eu vou? – perguntou Mama, sem esperar pela resposta de tia Ifeoma. – Sabe quantas mães empurraram suas filhas para ele? Sabe quantas pediram que ele engravidasse suas filhas, sem nem precisar se incomodar em pagar o preço de uma noiva? (Adichie, 2011, p. 819).

Beatrice é um mulher pertencente a etnia igbo portanto cresceu sob a influência das perspectivas culturais dessa sociedade em relação às mulheres que são ensinadas acerca da importância do casamento e sobre ser mãe como as metas principais a serem atingidas, quer dizer, ela não cresceu tendo a possibilidade de se conhecer enquanto mulher que tem sonhos e metas além do matrimônio, e não fez suas próprias decisões, visto que, nessa sociedade, a mulher aprende que o único meio para ser respeitada e reconhecida é a partir do casamento, este organizado como um negócio em que o pai ou na ausência deste, um outro homem escolhe o esposo, e a mulher deve apenas aceitar.

Quer dizer, a mulher no papel de objeto e o homem no *status* de valorizado. E isso, é corroborado pelo relato da professora Roberta Mara Resende (2013, p. 31): “a mulher ibo é ativa socialmente, mas aceita a subordinação no casamento, o que pode ser entendido e justificado por meio da religião”. Beatrice em sua posição de subserviência e alienação, sofre constantes violências de Eugene conforme o trecho a seguir:

Eu estava no meu quarto após o almoço, lendo o capítulo V da Epístola de Tiago porque eu ia falar das raízes bíblicas da unção dos doentes durante a hora da família, quando ouvi os sons. Pancadas pesadas e rápidas na porta talhada à mão do quarto dos meus pais. Imaginei que a porta estava emperrada e que Papa estivesse tentando abri-la. Se imaginasse aquilo sem parar, talvez virasse verdade. Eu me sentei, fechei os olhos e comecei a contar. Contar fazia o tempo passar um pouco mais rápido, fazia com que não fosse tão ruim. Às vezes, acabava antes de eu chegar ao número vinte. Eu já estava no dezenove quando o som parou. Ouvi a porta se abrindo. Os passos de Papa na escada pareceram mais pesados, mais desajeitados do que o normal (Adichie, 2011, p. 104).

Nesse relato compreendemos que esse espancamento que leva Beatrice ao aborto não é um fato isolado. Isto é, existe uma rotinização da violência que se constitui em uma verdadeira prisão para a mulher, pois o homem, devido a uma construção histórica e machista, é visto como dominador e, por isso, deve agredir a mulher a qualquer custo, como assinala Michelle Perrot (2007, p. 47): “Dependente em seu corpo, ele pode receber “corretivos”, como uma criança indócil, pelo chefe da casa, depositário da ordem doméstica”.

Nessa perspectiva, a mulher deve suportar todo tipo de agressão, como se isso determinasse o seu destino, ser mais frágil e vulnerável. Nessa discussão, Beatrice justifica essas práticas e até tenta humaniza-las e compreende-las como sendo estresse pela vida de negócios conturbada que Eugene tem, conforme explana no fraguimento “– Eugene não anda bem-disse ela. – Tem tido enxaquecas e febre. Ele carrega mais sobre os ombros do que qualquer homem deveria carregar. Você sabe o que a morte de Ade faz com ele? É demais para uma só pessoa” Adichie (2011, p. 817).

Essa postura de Beatrice reforça a falsa imagem que Eugene mantém na sociedade de bom pai e marido, exprimindo a inferioridade dela diante do marido, assim como a inexistência de qualquer participação ou decisão dela com a família, ela tinha medo de enfrentar e resistir ao marido, teve diversos abortos provocados por Eugene, mas aguentava calada por medo de perder os filhos, medo de ser rejeitada, medo de um segundo casamento, e medo da sua *umunna* (especie de extensão da família) a considerar um fracasso por não ter tido uma família numerosa, conforme a tradição nigeriana. Então, ela busca ser uma mulher obediente e primorosa para o marido, para a igreja, e o cuidado com a casa e os filhos.

Segundo bell hooks (2018), uma grande parte das mulheres que aceitam o sexismo é pelo receio de ficar sozinha, de não ser amada, de não ter um companheiro, de não construir uma família. Este receio é o motivo que faz elas aceitarem o sexismo e a opressão sexista e nessa seara as mulheres negras são as mais atingidas por inúmeras vezes serem forçadas a acreditar que os homens são superiores e que a submissão é uma parte do papel da mulher.

Outro aspecto do romance é a poligamia um costume nigeriano que Eugene não aderiu, possivelmente devido à sua total conversão aos costumes e normas do colonizador, em que a religião católica prega um casamento monogâmico e, com isso, Beatrice acredita que, apesar de Eugene ter poder, ser violento e controlador, ela teve a sorte de encontrar um homem bom, que não possui outra mulher. Nessa sociedade, observamos o quanto o homem está numa posição de superioridade. E mesmo com a colonização a superioridade é masculina, conforme é elencado por Resende (2013, p. 23) “A estrutura de classe que separa os povos como colonizados e colonizadores também produz a opressão sofrida pela mulher, já que esta, além de ser colonizada, sofre com o fato de ser mulher em um sistema que privilegia o masculino”.

Em meio a seus estudos Heleieth I. B. Saffioti (2014, p. 85) afirma que “o poder é macho e branco subordinando-se a esses mulheres e crianças”. Então, a supremacia masculina está presente em todas as classes sociais, porém é oportuno reconhecer que a inferioridade feminina é exclusivamente social, visto que o homem presumidamente acredita que domina a mulher pela força física.

Desse modo, as agressões físicas realizadas por Eugene não aconteciam somente com Beatrice, os filhos também padeciam. A protagonista descreve um episódio em que é espancada por estar contemplando um quadro de seu avô paterno PapaNnukwu, que Eugene considerava um pagão. “Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. Chute. Chute. Chute. Fechei os olhos e me entreguei ao silêncio” Adichie, (2011, p. 689). Após esse episódio, Kambili fica hospitalizada e um fato intrigante é que ninguém questionou porque ela foi parar no hospital, não houve perguntas ou denúncias, apenas silêncio – como se todos soubessem o que tinha acontecido.

Para corroborar com o episódio de negligência do ato violento como um acontecimento banal, “corretivo” e recorrente, como se a mulher merecesse ser violentada, hooks (2018, p. 83), explana: “O patriarcado força os pais a agirem como monstros, encoraja os maridos e amantes a serem violadores disfarçados”. Denotando que o homem tem poder, razão e é o rei, chefe da casa e da situação. Ainda segundo Saffioti (2014), a construção da identidade do homem e da mulher é constituída de distintos papéis que foram se desenvolvendo no percurso histórico e estão arraigados na sociedade, que delimita com precisão os campos em que a mulher pode operar, diferentes daqueles em que o homem pode atuar.

Vê-se que nessa sociedade a mulher é totalmente silenciada e controlada e sofrer violência seja, psicológica, emocional e física era algo banal e ninguém interferia, visto que o homem tinha total domínio sobre a mulher. Desse modo, o homem na sociedade patriarcal é respeitado, é visto como aquele que dita regras de dominação que devem ser seguidas pela mulher e os filhos. Quer dizer, o homem sempre manda e toma as decisões enquanto a função da mulher é apenas obedecer e não contestar, denotando superioridade e racionalidade para os homens que sempre são vistos como dignos.

Em um outro cenário da obra, temos duas mulheres que resistem ao machismo e à lei da submissão e travam discursos de empoderamento. Ifeoma, irmã de Eugene, é uma mulher progressista, que ficou viúva cedo e criou os três filhos (Amaka, Obiora, e Chima) sozinha, é professora universitária, uma mulher determinada, que mantém discursos que visam alertar a mulher, pois acredita que elas não precisam de um marido para existir e sim estudar para alcançar sua liberdade e objetivos.

Ifeoma tem orgulho de ser mulher e da sua feminilidade. A personagem estuda, trabalha e incentiva os filhos a conhecerem a real situação social, política e econômica do seu país. Ela é incisiva e se impõe sempre que necessário na busca por igualdade para todas as mulheres. Porém, se depara com comentários grosseiros por ser ‘apenas’ uma mulher que na visão do patriarcalismo é algo sem importância, sem a presença de um homem, como observamos neste fragmento:

– Meu espírito vai interceder em seu favor, para que Chukwu mande um bom homem para tomar conta de você e das crianças. – Seu espírito que peça a Chukwu para acelerar minha promoção a professora sênior, é só isso que eu quero – disse tia Ifeoma (Adichie, 2011, p. 271).

Nesse diálogo fica explícito o preconceito que Ifeoma sofre do próprio pai, porém ela não se deixa abater e exprime o que quer para si e para os filhos. Ela não aceita que o destino da mulher está nas mãos de um homem pela via do casamento. Para ela, o enlace matrimonial só traz atrasos, porque o homem a

partir do patriarcalismo passa a dominar a mulher em todos os sentidos, anulando-a enquanto ser que tem desejos, vontades e sonhos. Em torno disso, Ifeoma vai na contramão de alguns costumes nigerianos, no tocante à situação das mulheres ao seu redor e decide educar os filhos sozinha, não se deixando levar pela imposição, tanto na vida pessoal como profissional.

Amaka é outra personagem do romance, é a filha mais velha de Ifeoma, ela tem um comportamento intrépido e intrigante fruto da influência, educação e dos exemplos da mãe. Ela é uma adolescente como Kambili, porém independente, livre e cheia de ideais, além de não temer expressar o que pensa, como podemos verificar:

- Sua fábrica é que faz esse suco, tio Eugene? – Perguntou Amaka, estreitando os olhos para ver melhor o que estava escrito nas garrafas.
- Sim – respondeu Papa. – É um pouco doce demais. Seria mais gostoso se vocês colocassem menos açúcar. Amaka falou no tom de voz educado e que normalmente se usava para conversar com uma pessoa mais velha. Não consegui perceber se Papa assentiu ou se sua cabeça simplesmente se moveu por causa da mastigação (Adichie, 2011, p. 320).

Amaka é representada como uma pessoa que tem visão política-crítica e esclarecida, além de opinião formada e bons argumentos. Em suas discussões e seus discursos, ela destaca o empoderamento feminino, ela pensa de acordo com a mãe “entrar na faculdade e fundar [...] movimentos ativistas” Adichie, (2011, p. 424). Ela é corajosa e crítica, não aceita opiniões contrárias daquilo que acredita e, sempre se posiciona quando necessário. Comumente, ela enaltece a cultura do seu país e só ouve músicas nativas como: Fela, Osadebe e Onyeka, e justifica “são socialmente conscientes; têm algo real a dizer” Adichie, (2011, p. 384).

Amaka é totalmente consciente de pertencer a uma coletividade nacional que valoriza seu lugar de origem, sua língua e cultura e faz questão de enaltecer esse sentimento emitindo seus pensamentos de acordo com o que acredita.

A narrativa de Chimamanda acerca das personagens nos permite compreender as exigências vividas pelas mulheres e os diferentes papéis que desempenham na sociedade nigeriana. São personagens reais e complexas. Mulheres que se transformam e se desenvolvem perante os dilemas, que se diferenciam e se distanciam da visão essencializada que o homem europeu desenvolveu acerca da população africana, quer dizer, Chimamanda, a partir da sua escrita, constrói percepções sobre o entendimento de mundo por meio das quatro personagens de comportamento totalmente diferentes, mas que se complementam.

As Estratégias de Ruptura do Silenciamento Feminino em *Hibisco roxo*

O silêncio é bem presente na vida daqueles que residem na casa de Eugene, especialmente para as personagens femininas que sofrem consecutivamente repressão de Eugene, como podemos verificar nesse trecho:

Nossos passos na escada eram tão contidos e silenciosos quanto nossos domingos; o silêncio de esperar que Papa acordasse da sesta para que pudéssemos almoçar; o silêncio da hora de reflexão, [...] o silêncio do rosário da noite; o silêncio de ir de carro até a igreja para receber a bênção depois. Mesmo nossa hora da família era silenciosa aos domingos (Adichie, 2011, p. 100).

A partir desse fragmento pode-se inferir a existência e imposição do silêncio patriarcal, sufocante e opressor, no qual a mulher enfrenta diversas limitações acerca da sua representação na composição histórica e social vivendo vigiadas pela família, precisando mantendo um comportamento recatado, isto é, uma vida guiada pelos interesses masculinos. Eram, ainda, obrigadas a seguir os preceitos da Igreja Católica, que ditava regras e mantinha sob controle a vida de toda a sociedade. Na verdade, elas eram invisíveis, como afirma Perrot (2007, p. 17): “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”. Isto é, um silêncio opressor em que seus sonhos, desejos, sentimentos, em nenhum momento, eram ouvidos ou levados em consideração.

No percurso da narrativa, Kambili sinaliza ter poucos momentos de fala. A adolescente explana que tem o impulso de falar ou que, em algumas ocasiões, sente que deveria, mas algo a impede de se expressar, fazendo com que ela “escolha” o silêncio, e anule seus sentimentos devido a tirania do pai. Em diversos momentos relata até sintomas físicos que a impedem de se expressar através da fala ou até de gestos simples e naturais como sorrir, por exemplo, sintomas do terror psicológico que ela sofre que são somatizados aos danos físicos acometidos pelo pai. Essa referência sobre falar e sobre o silêncio estar associado a conquista da liberdade.

Nesse perspectiva um sentimento muito presente é o medo que paira na família de Eugene, principalmente para Kambili, que tem medo de não ser objeto de orgulho do pai, um homem dominar e controlador que segue à risca as doutrinas do catolicismo, e principalmente medo de desagradar a Deus, visto que Eugene sempre usava o nome de Deus e passagens bíblicas como exemplo para reprimir e repreender a filha. E sobre o medo ela descreve: “Medo. Eu já conhecia o medo, porém quando o sentia ele nunca era o mesmo da outra vez, como se viesse em sabores e cores diferentes.” Adichie, (2011, p. 645).

O silêncio pode acontecer por medo ou por estratégia, pois falar e calar estão relacionados ao jogo de poder e força. Na maioria das vezes o silenciamento é uma ação sobre o outro como um meio de disciplinar alguém podendo envolver

medo, obediência, submissão e até resistência. No percurso da história a mulher estava na invisibilidade e silenciamento com pouquíssimas participações na esfera pública, visto que a construção histórica foi produzida eminentemente por homens como seres transformadores da história e da sociedade.

Assim, sofrendo calada, reprimida pelo medo, sufocada pela ideia do pecado, assombrada por seus pensamentos e sonhos, Kambili cresce sem autoconfiança e cheia de traumas. Todavia, a ida a casa da tia Ifeoma em Nsukka proporcionará o conhecimento de outra realidade, o que vai fazer diferença no contexto de falsa proteção que o pai criou em torno dela, uma família que aos olhos da sociedade era uma modelo de perfeição, porém atrás dos muro de casa pairava a dominação e alienação, conforme o seguinte trecho “Nsukka começou tudo; o jardimzinho de tia Ifeoma perto da varanda de seu apartamento em Nsukka começou a romper o silêncio” Adichie, (2011, p. 58).

Em Nsukka, Kambili vai conhecer uma realidade até então desconhecida, tendo em vista que a família da tia Ifeoma passa por dificuldades financeiras já que trabalha como professora universitária e, em um regime militar, momento em que as universidades sofrem com a repressão do governo, então Ifeoma reside em um ambiente humilde e, no decorrer da narrativa, Kambili vai acabar comparando Nsukka (ambiente simples) com sua casa em Enugu (ambiente luxuoso) devido ao impacto da disparidade social que a ela foi apresentada. A seguir ela descreve a dinâmica da casa de sua tia que é bem diferente da sua:

Risadas flutuavam acima da minha cabeça. Palavras jorravam da boca de todos, muitas vezes sem procurar nem receber nenhuma resposta. Lá em casa, só falávamos quando tínhamos algo importante a dizer, sobretudo quando estávamos sentados à mesa. Mas meus primos pareciam simplesmente falar, falar, falar (Adichie, 2011, p. 390).

O ambiente alegre, harmonioso e livre vai assustar Kambili de início, deixando-a deslocada, mas a cidade universitária e o contato com a família acolhedora de tia Ifeoma vão representar para a adolescente uma virada na forma de enxergar o mundo, o que vai culminar em olhar com outros olhos para aquilo que o pai explanava, despertando para a realidade de violência e opressão que estava inserida, criando assim, uma repulsa pelo pai na medida em que vai tomando consciência das atrocidades dele, o que a faz compreender que ela não teme a Deus, mas sim ao pai. Em meio a todo esse processo de silenciamento Kambili vai aos poucos buscar resistir a tudo que lhe é imposto, mas todo processo é bem gradativo.

Nesse despertar e amadurecimento de Kambili dois personagens serão fundamentais. O jovem padre negro Amadi que com suas ideias revolucionárias vai despertar em Kambili diversos sentimentos como a paixão, mas que não será

alimentada, pois a partir dos diálogos com a Jovem o padre vai mostrar que a relação deles é somente amizade e o intuito é de possibilitar que Kambili reflita sobre diversos conceitos que julgava corretos, encorajando-a, para que ela se entenda e se encontre enquanto ser no mundo, que ela vivencie e experimente coisas novas e antes proibidas pelo pai, que ela possa ter um estilo de vida livre como desejava. Ele vai mostrá-la que ela pode fazer qualquer coisa que quiser e ser quem ela quiser fora da sombra e das imposições do pai.

O segundo personagem é Amaka, prima de Kambili. A princípio, a jovem, joga indiretas em Kambili, deixando-a irritada, pois sabe que ela não consegue se expressar com palavras. Amaka, não fazia por mal, mas na intenção de motivá-la a reação, quer dizer, a prima agia na dureza com o intuito de devolver ela para ela mesma, e assim, quebrar a casca na qual ela se escondia. Isso não acontecia com Kambili porque ela queria, mas por viver em um contexto familiar de medo, silenciamento, opressão, submissão, buscando agradar ao pai e a Deus. Com o tempo e a convivência pautada na liberdade que a casa da tia proporcionava, as diferenças entre as adolescentes foram minimizadas e elas ficaram cada vez mais unidas, como podemos verificar no trecho a seguir:

Eu sorri. Jamais havia sentido a cumplicidade que eu sentia ali, sentada ao lado de Amaka, ouvindo suas fitas de Fela e de Onyeka no minúsculo som, no qual claro ela colocara pilhas novas. Jamais havia sentido o silêncio confortável que compartilhamos enquanto limpávamos o arroz com cuidado, porque os grãos eram pequenos e às vezes pareciam com pedrinhas transparentes. Até o ar parecia parado, acordando bem devagar depois da chuva (Adichie, 2011, p. 807).

Beatrice que também sofre com o processo de silenciamento e submissão, vai começar a partir dos diálogos travados com a cunhada, a entender a situação de violência e perigo que ela e os filhos estavam envolvidos e aos poucos vai tentar assumir uma postura de resistência, rebeldia e revolta, em busca de proferir um grito de liberdade das “amarras” do marido. Acerca dessa discussão é argumentado que,

não importa quanto uma mulher seja oprimida, o poder de resgatar o “eu” existe dentro do “eu”. Outras mulheres negras podem ajudar uma mulher negra nesse caminho rumo ao empoderamento pessoal, mas a responsabilidade final pela autodefinição e pela autovalorização está dentro de cada mulher. Uma mulher, individualmente, pode lançar mão de várias estratégias para construir o conhecimento de uma voz independente (Collins, 2019, p. 254).

Assim, Beatrice aos poucos vai de forma sutil passar a se desvencilhar dos enlaços que o marido impõe, abrindo caminho para a liberdade. Para ilustrar essa nova postura, temos o dia em que o marido ao tentar jogar o missal no filho, por-

que ele não recebeu a comunhão, atinge a estante e quebra todas as estatuetas de bailarinas, pelas quais Beatrice tinha apreço, um valor sentimental:

Quando Mama pediu que Sisi varresse o chão da sala de estar, para ter certeza de que nenhum fragmento perigoso das estatuetas ainda estivesse oculto em algum lugar, ela não abaixou a voz. Não escondeu o minúsculo sorriso que formava covinhas nos cantos de sua boca. Não levou a comida até o quarto de Jaja escondida num pedaço de pano para que parecesse que estava apenas carregando a roupa limpa dele. Levou a comida numa bandeja branca e num prato de mesma cor (Adichie, 2011, p. 830).

As estatuetas despedaçadas que representam leveza, liberdade e alegria despertaram uma nova Beatrice, é como se algo dentro dela tivesse se quebrado junto com as estatuetas e no momento em que limpava os cacos ela também estava juntando os seus, refletindo e despertando para uma nova vida começando por adotar um comportamento menos subordinado. A quebra das estatuetas pode representar também uma fratura na família, momento em que as relações familiares vão se modificar, assim como, a visão de mundo dos adolescentes Jaja e Kambili frente a fúria religiosa do pai.

Logo, a partir desse despertar Beatrice vai seguir o conselho de Ifeoma de deixar a casa do marido e partir para Nsukka, como podemos verificar neste fragmento “– Não sei se a minha cabeça está boa – disse ela. – Saí do hospital hoje. Chamei um táxi e vim para cá”. Adichie, (2011, p. 811).

A fuga do hospital onde estava em recuperação devido a mais um aborto não dura muito tempo, pois, mesmo à distância, Eugene impõe sua presença assustadora e opressiva, e Beatrice, por medo das atitudes do esposo, acaba cedendo e voltando para casa, como se nada tivesse acontecido. Esse retorno não pode ser visto como fracasso, mas representa o respeito às tradições do seu povo que era mais forte do que o sofrimento pelo qual passou, dessa forma, tem-se, então, uma personagem que vivia presa aos costumes e a uma sociedade que pouco valorizava a mulher, mas detém e controla sua vida. Além de que Beatrice não teria condições financeiras e nem aparatos públicos a sua disposição como: um local para acolhida e apoio, uma delegacia ou outro dispositivo para se rebelar a enfrentar a violência cotidiana que sofria.

Assim, essa atitude de sair de casa, que parece um pequeno ato, mexe com o ego masculino, pois o homem não aceita e nem se conforma quando a mulher o abandona, ainda mais quando a iniciativa parte dela, o que constitui uma afronta para ele. Então, na condição de macho dominador, ele pode chegar ao extremo da crueldade por não admitir tal ocorrência. Além disso, temos o sentimento de culpa, imposto pela sociedade, pois, segundo Saffioti (2014), as mulheres são treinadas para sentir culpa, mesmo que não tenha razões para isso, elas se culpabilizam.

Beatrice resistiu a um relacionamento de dor, medo, frustração que em nenhum momento era prazeroso. Ela sofreu diversas agressões, assistiu aos filhos serem agredidos e tudo isso sem poder se manifestar. Ao final, ela chega no ápice do medo e do desespero e acaba matando o marido, mesmo assim a presença dele permanece, pois ela já não consegue se desvencilhar das marcas do relacionamento abusivo.

A morte de Eugene, que poderia representar a libertação para ela e os filhos e o início da total felicidade que eles nunca tiveram, traz um silêncio diferente, visto que Beatrice sofre ao refletir fatos do passado como a violência na própria carne tendo que esconder as marcas, os filhos perdidos nos abortos provocados por Eugene, a violência que os filhos sofriam estando ela de mãos atadas, e sofre mais ainda pelo filho Jajá ter assumido a culpa pela morte do pai e ter sido preso, e pelo comportamento julgador de Kambili, cuminando com a ausência de diálogo entre elas, quer dizer, um sofrimento silencioso que não dava espaço para outros sentimentos.

Esse silêncio diferente pode representar também a saída da opressão e início do processo de independência, em que as personagens decidem quando calar e falar, visto que calar agora não representava mais medo, ou ter que falar para concordar e agradar, ou seja, o silêncio opressor. E a decisão de falar agora surge como uma afirmativa de formação da autonomia, isto é, o falar libertador. Além da possibilidade de uma nova vida aos três personagens.

Assim, Kambili mesmo em meio a dor e ao sofrimento pela perda do pai e a prisão do irmão vai desfrutar de uma liberdade que antes não conhecia, traçando o caminho da emancipação, fazendo planos para o futuro e isso inicia em Nsukka e é representada pela transformação da flor hibisco, que vai marcar a mudança do tempo, o desenvolvimento e o crescimento da personagem, sinalizando a sua passagem para a vida adulta, num momento em que ela está em busca do *eu*, da construção de si, e passa a fazer suas próprias escolhas e a ganhar voz, conforme o seguimento abaixo:

Enquanto voltávamos a Enugu, eu ri alto, mais alto que o canto de Fela. Ri porque as ruas sem asfalto de Nsukka sujam os carros de poeira durante o harmattan e de lama grudenta durante a estação de chuvas. Porque Nsukka pode libertar algo no fundo de sua barriga que sobe até a garganta da gente e sai sob a forma de uma canção sobre a liberdade. E sob a forma de riso (Adichie, 2011, p. 951).

Nesse trecho, Kambili se surpreende por conseguir realizar coisas simples como sorrir, e se comunicar de maneira desenvolta, o que começa a acontecer na casa de Ifeoma, espaço de emancipação da jovem, que vai permitir uma visão esclarecida para que a protagonista desperte para a realidade Nsukka foi o local do início da mudança de pensamentos e comportamentos que trouxe transformação,

libertação e emancipação para a jovem Kambili e sua mãe Beatrice permitindo que elas despertassem e se fortalecessem para a realidade com novas percepções e visões sobre o mundo num percurso de resistência, desconstrução e empoderamento, pondo fim às opressões contra elas.

Considerações finais

A literatura de autoria feminina nigeriana e a sua representatividade no cenário literário, que era reduzido, vem despontando e ganhando força cada vez mais, conquistando espaços e representando um diferencial para o cânone literário, visto que essa literatura parte da vivência, reflete o mundo, a vida e a realidade a partir do olhar e experiência da mulher negra, uma literatura de exaltação da memória ancestral, de identificação, de dramas e angústias.

Nesse romance, o centro da narrativa é uma protagonista forte e complexa que imprime seus dilemas a partir de um discurso ficcional questionador e direto, que resiste e enfrenta diversos desafios em seu contexto familiar, social e cultural. Além de mais três personagens femininas que vão lutar contra a opressão patriarcal que privilegia apenas os homens, além de elencar como as mulheres são limitadas pelas tradições e expectativas sociais.

A literatura de autoria feminina nigeriana traz um cabedal rico de perspectivas históricas e culturais acerca da diversidade humana, além de abordar as relações étnicas e raciais que possibilitam ao leitor conhecer as experiências e perspectivas de mulheres que vivem em circunstâncias culturais, políticas e sociais diversas. Logo, estudar a literatura de autoria feminina nigeriana é tentar entender a diversidade cultural e humana desse povo, porém, de modo mais amplo e respeitoso, sem estereótipos e conceitos pré-concebidos; além disso, é valorizar e reconhecer que existem vozes literárias femininas nigeriana que, apesar de tentarem silenciá-las, ecoam e clamam por igualdade e justiça.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. Trad. Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOAHEN, Albert Adu. História geral da África, VII: África sob a dominação colonial, 1880-1935. In: OPOKU, Kofi Asare. **A religião na África durante a época colonial**. 2º. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro** [recurso eletrônico]: conhecimento, consciência e a política do empoderamento; tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

HOOKS, bell. **Não serei eu mulher?** Mulheres negras e feminismo. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero; tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1º. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela Correia. São Paulo: Contexto, 2007.

RESENDE, Roberta Mara. **Gênero e Nação na Ficção de Chimamanda Ngozi Adichie.** Programa de Mestrado em Letras – PROMEL / Universidade Federal de São João Del – Rei, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.